



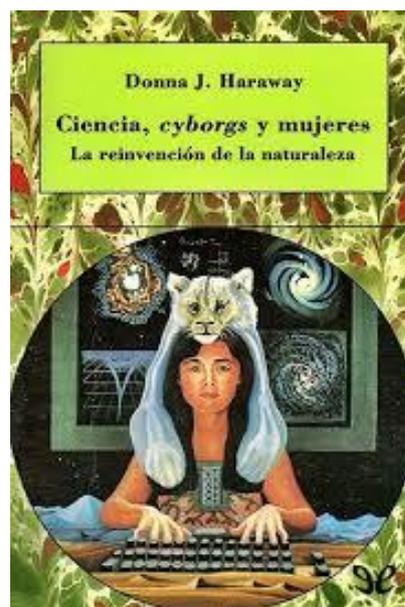
Ciborgues, humanos e máquinas: transformações em uma sociedade ocidental pós-moderna

Camila Marchesan Cargnelutti¹

HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaleza.** Trad. Manuel Talens. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaleza, publicado originalmente em 1991², reúne ensaios escritos por Donna Haraway entre 1978 e 1989. Nessa obra, Haraway questiona as histórias teóricas, biológicas e políticas relacionadas com a determinação de lugares para os corpos e para os sujeitos sociais, construindo, dessa forma, uma análise histórico-crítica da ciência, particularmente da ciência euro-estadunidense canônica, profundamente marcada por elementos e visões racistas, colonialistas e sexistas. Nesse sentido, o que a autora propõe com seu texto passa por uma invenção e reinvenção da própria categoria *natureza* (intrinsecamente relacionada a *sexo*, *corpo* e *raça*), por considerá-la historicamente como um dos campos de embate, opressão e antagonismo mais fundamentais para as transformações que almeja como teórica feminista e socialista estadunidense.

Para atingir esses fins, a autora compreende como necessário e urgente desenvolver maneiras de pensar que transcendam o essencialismo e que rompam com os binarismos modernos que separam o eu e o Outro, o homem (como universal) e a mulher (como alteridade), o idealismo e o materialismo, a objetividade e a subjetividade, a mente e o corpo, o humano e o animal, a natureza e a cultura. Essa compreensão – e consequente transformação teórica – alinhada com uma teoria antiessencialista implica o entendimento do discurso e do conhecimento, inclusive o científico, como construções históricas e socialmente situadas. Essas construções, por sua vez, assentam-se em raízes políticas que determinam quem são os sujeitos que podem falar, sobre o que eles podem falar, que termos devem ser



¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (PPGL/UFSM). Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: camila.m.cargnelutti@gmail.com

² Referência da publicação original: HARAWAY, Donna. *Simians, Cyborgs, and Woman: the reinvention of nature*. London: Routledge, 1991.

utilizados, qual a relevância e o espaço para cada assunto, quais pontos de vista serão considerados e quais visões serão omitidas e/ou excluídas. Essas escolhas não são objetivas ou imparciais – ao contrário, estão profundamente entremeadas por questões de poder, gênero, classe, raça, etnia, cultura, religião e sexualidade.

Conforme explica Haraway (1995), a biologia, desde suas formulações iniciais, no final do século XVII, tem contado e construído a história sobre as origens, sobre a gênese, sobre a natureza, sobre os corpos e sobre o sexo. Os discursos que fundamentam essas categorias estão perpassados por vozes patriarcais: “la biología es la ciencia de la vida, concebida y escrita con la palabra del padre. Las feministas han heredado el conocimiento a través de un linaje paterno” (HARAWAY, 1995, p. 114). Nesse sentido, o determinismo biológico e a natureza humana foram herdados de tradições teóricas de conhecimento masculino/patriarcal, incluindo teóricos e filósofos como Aristóteles, Galileu, Bacon, Newton e Darwin. A esses autores, todos homens, pertencia a palavra, enquanto a mulher, nesse contexto, era a carne. Conforme destaca Haraway (1995, p. 115), “y la palabra, naturalmente, se hizo carne. Hemos sido engendradas”. Dessa forma, o discurso biológico-científico construiu-se a partir de bases patriarcais, predeterminando os lugares sociais reservados para os homens e para as mulheres, institucionalizando – inclusive discursivamente – a lógica da dominação masculina e, conseqüentemente, a da submissão feminina.

Nesse sentido, a concepção de conhecimento e discurso como construções sócio-históricas intrinsecamente relacionadas ao poder hegemônico em um determinado contexto constitui-se como fundamental para apontar a necessidade, em primeiro lugar, de revisá-los e reconstruí-los. Conforme salienta Jackie Orr (1995), o trabalho de Haraway apresenta o desafio de examinar os discursos científicos e tecnológicos compreendendo-os como cúmplices de um sistema que se baseou no patriarcado, no capitalismo e na branquitude. No entanto, não devemos recair na solução simplista de enfrentar esses discursos como inimigos. Para a autora, é necessário que esse exame, a ser realizado pelas teóricas e críticas feministas, evite interpretar os discursos da ciência e da tecnologia como um inimigo a ser combatido: “más bien, los discursos científicos son algo por lo que luchar. Con ellos hay que contar. Deben ser re-visados, antes que demonizados” (ORR, 1995, p. 36).

Como parte fundamental para essa luta e reconstrução responsável – que seja científica, moral e politicamente consciente –, Haraway (1995) constitui a imagem do ciborgue, inserido no contexto da crítica a essa construção histórica centrada no homem e em seu poder como ser humano referência e universal. Dessa forma, seu livro aborda também as possibilidades de um feminismo ciborgue, que seja capaz de não somente alijar-se de uma suposta neutralidade/imparcialidade científica, como também de manter-se em sintonia com posicionamentos políticos e históricos e de reafirmar-se com parcialidades e subjetividades permanentes. Na concepção de Haraway (1995), um ciborgue constitui-se como uma criatura híbrida, composta pela conjunção de organismo e de máquina, configurada e apropriada para o final do milênio em que escreve (século XX):

Los *cyborgs* son entes híbridos posteriores a la segunda guerra mundial compuestos, en primer término, de humanos o de otras criaturas orgánicas tras

el disfraz - no escogido - e de la «alta tecnología», en tanto que sistemas de información controlados ergonómicamente y capaces de trabajar, desear y reproducirse. El segundo ingrediente esencial en los *cyborgs* son las máquinas, asimismo aparatos diseñados ergonómicamente como textos y como sistemas autónomos de comunicación (HARAWAY, 1995, p. 62).

Assim, a figura do ciborgue, na visão de Haraway, configura-se como uma espécie de metáfora para aquilo que nós, como habitantes desse mundo e dessa sociedade ocidental pós-moderna – transformada social e politicamente com a ascensão de novas tecnologias – estamos nos transformando aos poucos. A questão do ciborgue foi abordada anteriormente pela autora no *Manifesto Ciborgue*, publicado originalmente em 1985, na revista *Socialist Review*. De acordo com Jorge Ardití (1995, p. 17), essa obra é justamente o que proclama ser: “un manifiesto, un texto político y estratégico, una parte esencial de la lucha para abrir un camino hacia un futuro enriquecedor”. Tanto o *Manifesto Ciborgue*³ quanto *Ciencia, cyborgs y mujeres* situam-se na perspectiva da autora de elaboração de um trabalho constante de desconstrução do essencialismo teórico-científico baseado no poder patriarcal/capitalista/branco e, simultaneamente, de reconstrução e reinvenção de uma das categoriais entendidas como primordiais nesse debate: a natureza.

Como explica Haraway, focar a construção/reinvenção da natureza como um processo cultural constitui-se como uma estratégia fundamental para todos/as que desejam e necessitam viver em um universo menos invadido por lógicas de dominação baseadas em raça, em colonialismo, em classes sociais, em gênero e em sexualidade – ou seja, para todos/as que almejam uma sociedade mais igualitária. Para tanto, na visão da autora, torna-se essencial refazer o lugar da categoria *natureza*, justamente porque essa categoria, associada à biologia, esteve diretamente relacionada com a reprodução das relações sociais capitalistas, que, por sua vez, se ocupam do imperativo da reprodução biológica (HARAWAY, 1995). Nesse contexto, torna-se premente desenvolver uma ciência biológica que não somente não seja capitalista, como seja socialista e feminista.

Esse compromisso é tão importante porque possui relação direta com a constituição da categoria natureza e, assim, com a série de papéis historicamente determinados para as mulheres, os quais se baseiam em noções e conceitos advindos da biologia acerca de seu corpo ou de seu sexo. Nesse sentido, em conformidade com os argumentos da autora, é revolucionário esse processo de recuperação de um conhecimento histórico negado e/ou silenciado das mais diversas formas, na medida em que possibilita reinventar nossas formas de viver como sujeitos, como mulheres:

³ Destacamos, aqui, um pequeno trecho do *Manifesto Ciborgue*, no qual a autora apresenta uma definição a partir de sua compreensão da categoria ciborgue: “Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. Os movimentos internacionais de mulheres têm construído aquilo que se pode chamar de “experiência das mulheres”. Essa experiência é tanto uma ficção quanto um fato do tipo mais crucial, mais político. A libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade. O ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida – uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX” (HARAWAY, 2009, p. 36).

“tal como Marx mostró con la ciencia de la riqueza, nuestra recuperación del conocimiento es una recuperación revolucionaria de los medios que nos sirven para producir y para reproducir nuestras vidas” (HARAWAY, 1995, p. 74).

A proposta de uma ciência feminista socialista defendida pela teórica feminista estadunidense deve desenvolver-se no processo de construção de vidas diferentes em interação com o mundo. A partir da compreensão de que nossa natureza foi teorizada dentro da lógica capitalista e patriarcal, devemos, primordialmente, como forma de subvertê-la, tomar justamente o caminho da ciência e do discurso científico – transformando-a desde seu interior. Segundo Haraway (1995, p. 112, grifo da autora), “en la medida en que necesitamos estas prácticas para nuestra teorización de la naturaleza, estar lejos de ellas es permanecer en la ignorancia y, por eso, *debemos* tomar el camino de la ciencia. Es un asunto por el que luchar”. Adentrar os espaços de construção discursiva e científica, nesse contexto, consiste em reivindicar um lugar de construção ativa de discursos e de poder, em uma luta para subverter a ordem patriarcal e pelo direito a ter voz – e, assim, falar desde sua própria perspectiva e construir sua própria história, como mulher.

A história da biologia, abordada ao longo da primeira parte da obra de Haraway, demonstra como o conhecimento científico tem colaborado para a manutenção e legitimação do velho sistema patriarcal e capitalista. Assim, como proposta para mudanças necessárias, torna-se imperativo fazermos uso desse conhecimento para, mais do que refletirmos, reinventarmos e reconstruirmos o mundo novo que almejamos. Como ressalta Haraway (1995, p. 112), “no sé lo que sería la ciencia si la estructura histórica de nuestras vidas minimizara la dominación. Pero la historia de la biología me convence de que el conocimiento básico podría reflejar y reproducir el nuevo mundo en la misma medida que ha participado en el mantenimiento del viejo”. Esse novo mundo socialista e feminista, diferente já nas suas bases do conhecido e velho universo capitalista/patriarcal, e permeado por seres ciborgues, constituir-se-ia como um mundo em que a dominação e suas mais diversas manifestações opressivas não sejam partes integrantes e formadoras da sociedade, em que as mulheres não sejam criaturas consideradas inferiores por sua natureza e em que os homens não sejam criados e socializados de maneira a perpetuarem o patriarcado e sua lógica perversa de dominação das minorias sociais.

Bibliografia

- ARDITI, Jorge. Analítica de la postmodernidad. In: HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaleza**. Trad. Manuel Talens. Madrid: Cátedra, 1995. p. 8-19.
- HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaleza**. Trad. Manuel Talens. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.

HARAWAY, Donna. **Simians, Cyborgs, and Woman:** the reinvention of nature. New York: Routledge, 1991.

ORR, Jackie. ¿Feminismo de ciencia ficción?. In: HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs y mujeres:** la reinención de la naturaleza. Trad. Manuel Talens. Madrid: Cátedra, 1995. p. 32-51.